

RICK CHESTHER
A FAVELA VENCEU
DE UM POVO HEROICO O BRADO RETUMBANTE

**NINGUÉM MELHOR
DO QUE QUEM
PASSOU FOME
PARA FALAR DE
FOME; QUEM
SOFREU PARA FALAR
DE SOFRIMENTO
E QUEM SUPEROU
PARA FALAR DE
SUPERACÃO.**

**VENCER TEM A
VER COM TRÊS
PRINCÍPIOS BÁSICOS:
DECISÃO, RENÚNCIA
E OBEDIÊNCIA.
PRIMEIRO VOCÊ
DECIDE QUE VAI
DAR CERTO; DEPOIS
VOCÊ RENUNCIA
DO NECESSÁRIO
PARA TAL E, POR
FIM, VOCÊ OBEDECE
A SUA DECISÃO E A
SUA RENÚNCIA.**

**SER FELIZ É VER
O OUTRO FELIZ E SE
ALEGRAR COM AQUELA
FELICIDADE. AGORA,
SE A FELICIDADE
ALHEIA LHE CAUSA
INQUIETAÇÃO,
BUSQUE SE TRATAR,
POIS ISSO É DOENÇA.**

Dedico esta obra aos que lutaram pela favela no passado, aos que fazem isso no presente e aos que o farão no futuro.

PREFÁCIO

Rick, dessa vez, eu me surpreendi, porque hoje você conhece pessoas de muita relevância e mesmo assim veio até a minha casa me convidar para fazer seu prefácio. Lembro-me de 2006, quando lhe mostrei um versículo bíblico e você me disse: “Cláudio, eu recebo esse versículo e levarei comigo para o restante dos meus dias”. Depois você mandou fazer algumas camisas e estampou nelas o versículo 1 Pedro 5:6: “Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que, a seu tempo, vos exalte”. E você esperou, meu amigo. Foi humilhado por muitos e suportou a dor crendo na vitória, até que chegasse o seu tempo de ser exaltado. Deus foi providencial ao escolher você e prepará-lo para este momento.

Mesmo estando aqui, no meio do caos da comunidade, a coisa mais comum era ver você lendo, falando de assuntos que quase ninguém falava, vendo coisas com um jeito que é só seu. Isso sem contar a quantidade de pessoas que você ajudou na comunidade, muito antes de ser conhecido. Pode ir de um canto a outro nesta comunidade e ninguém vai poder dizer que você ficava em grupinhos pelas ruas. Nas noitadas, ninguém aqui jamais viu você fazendo uso de algo que fosse ilegal, muito menos indicando isso pra alguém. Você, assim como eu, cresceu com muitos que escolheram outros caminhos e isso nunca atraiu seu olhar. Você, que em cada canto desta comunidade é conhecido por todos, que anda de cabeça erguida por onde vai.

Você, que viveu mais de 20 anos aqui, como uma referência, e que hoje o é para tantos outros mundo afora. Você não deixou de ser um cidadão daqui, mas agora é também um cidadão do mundo. Nasceu pra isso.

Para muitos que não te conheciam, pode até causar surpresa o sucesso que se tornou, mas para nós aqui da comunidade, não é. Sempre soubemos do seu potencial. Foi você que organizou as maiores atividades deste lugar. A cultura daqui tem a sua assinatura. Aqui tem rua asfaltada por suas lutas, e centenas dos nossos jovens conhecem vários estados porque você os levou. Quantos jovens você conseguiu encaminhar para emprego, quantas famílias você amparava. Nossa pracinha da fé jamais foi e talvez jamais volte a ser a mesma sem sua presença pra organizar as coisas. Me emociono ainda mais por ser eu o convidado para escrever estas palavras, mas se sair de casa em casa da comunidade, qualquer um que conviveu com você falaria de coração aberto e assinaria embaixo de tudo que eu disse.

Hoje em dia, quando te vemos nos comerciais, nos programas de televisão, nas rádios, nas revistas, nos jornais, nas telas de nossos celulares, em outdoors e em tantos outros locais, vibramos muito. Junto com cada imagem, vem a alegria de saber que ali está nosso menino de ouro, aquele que estudou aqui, na mesma escola que todos nós, que andou pelas mesmas ruas e becos, que passou pelas mesmas dificuldades e que despontou para representar cada pessoa que aqui vive. Muito obrigado por me dar a honra de participar deste momento. Eu jamais vou me esquecer desta data, 21/03/2020, o dia que você veio provar que vencer não é apenas seguir em frente, mas sim seguir em frente sem esquecer de onde veio e dos que te acompanharam nas lutas

da época do anonimato. Parabéns pelo nome escolhido para o livro, pois este seu ato diz muito sobre isso. Não foi você que venceu, amigo, foi a comunidade. Aliás, foram as comunidades do Brasil, foi um filho dessas comunidades, foi alguém que representa essa gente, foi o povo da periferia.

Essa vitória é de todos nós.

A favela venceu.

Cláudio Alberto Duarte

Morador da comunidade do Bonsucesso no Barreiro de Cima
Belo Horizonte, MG

INTRODUÇÃO

“Favela”, “morro”, “comunidade”, “aglomerado”, “complexo”, “periferia”, “quebrada”. Você já deve ter ouvido essas palavras. São nomes que as pessoas dão para aquele lugar onde se vive com pouco recurso, onde, em muitos casos, não se tem o básico.

É ali que vivem as pessoas que se viram como podem pra terminar o dia com dignidade e colocar comida na mesa, tomar um banho e vestir uma roupa limpa. Que atravessam fronteiras e obstáculos inimagináveis enquanto o resto do mundo toma café da manhã e assiste ao noticiário que diz que tá tendo ação da polícia na favela. E, nesse momento, muita gente pensa que dentro de favela só tem bandido. Que ali só tem coisa ruim e que além de perigoso, o convívio com esse povo não é nada bom.

Uma coisa eu posso te garantir: vivi 20 anos da minha vida na condição de favelado. Apesar de eu ter nascido em Pitangui, Minas Gerais, me mudei bem cedo para Bonsucesso, um bairro que fica na periferia da região do Barreiro de Cima, em Belo Horizonte. Bem longe do sucesso. Dali me mudei para a Favela da Ventosa, na região Oeste da capital mineira.

E eu posso dizer com orgulho que a favela tem muito a ensinar pra você. O ambiente da comunidade é mais complexo do que muita gente imagina, e quem vê ou retrata a favela de fora, nem em sonho acredita nos milagres, na generosidade, no progresso, na humanidade, na força e na lealdade desse povo que não foge um minuto da luta.

Nesse período todo em que eu vivi na favela, sempre tentei enxergar aquele ambiente de uma outra maneira. Eu entendia a essência da favela e por que as pessoas estavam sempre alegres, unidas, fortes pra luta, cheias de esperança e com brilho nos olhos, mesmo quando a vida escancarava diante da gente tanta injustiça.

Na casa do seu Seci, que era um barracão de favela com três cômodos e um banheiro, testemunhei mais humanidade do que vi em qualquer outro lugar na minha vida. Mesmo hoje, viajando pra todo canto do Brasil e do mundo, vendo a vida de um outro ângulo, ainda conservo dentro de mim a raiz e a essência de quem aprendeu na tora o que fazer para levar comida pra mesa e andar na rua de cabeça erguida.

Depois de tanto conviver com essa gente, eu posso dizer de boca cheia: a ampla maioria dos moradores de favela é composta por gente de bem, que dia a dia desce por essas ladeiras do país para lutar de maneira digna, comendo do suor do próprio rosto. Gente de luz, de muita garra, de muita fé.

Por isso eu peço que você, se estiver de salto alto, desça do salto, e se estiver com o vidro do carro fechado, abra esse vidro.

Se desmonta de qualquer preconceito que tiver e escuta esse neguinho que tá te dizendo, com muita atenção: todos nós temos muito a aprender com a favela. A dificuldade que as pessoas de outras classes sociais acham que é a maior crise da história, a favela vence desde que nasceu. O choro da perda que o rico lastima quando vê o dinheiro sumir de cena, a favela vence desde cedo. O medo de não ter nada, que faz gente tentar se matar, a favela venceu.

A favela venceu todos os medos, todas as crises. A favela não só venceu como dá aula do que é empreender, do que é fazer um corre de verdade quando não tem nenhum vento soprando a favor. Penso até que o “empreendedorismo raiz” nasceu dentro das favelas. Ter que levar um filho na escola, preparar marmita pro outro, pegar três conduções pro trabalho, pra chegar de noite de coração aliviado porque tá todo mundo vivo e tem feijão suficiente pra chamar a vizinha e comer junto.

A favela vence preconceito, vence inatividade, vence tragédia.

Vence a cada manhã quando acorda e comemora cada dia que vai se deitar. Porque cada dia na luta é uma vitória.

Portanto, se prepare, porque agora você vai ver coisa que não conhece. Eu vou trazer o outro viés da favela. Vou te mostrar a favela que venceu. A favela empreendedora, a favela cultural, a favela religiosa, a favela multirracial, a favela livre, a favela cartão-postal e tantas outras.

O motivo que eu tenho pra abordar tudo isso é simples: eu cresci ouvindo a galera dizer que favela só tem traficante, vendo reportagem sobre a violência que impera ali dentro, e isso só fez com que a discriminação das pessoas com o favelado crescesse.

Só que ninguém tem que ter vergonha de ser cria ou ser criado em favela.

Porque a favela não apenas venceu, como está crescendo e virando um grito. Não posso mais ser conivente com a imagem da favela feia, uma favela esquecida, uma favela discriminada.

Chega de passar de carro blindado em frente à favela e fechar os vidros quando o único trajeto possível é aquele.

Chega de olhar pra favela como lixo, como resto, como subúrbio.

Não dá mais para aceitar essa generalização da favela como sendo um lugar de apenas tragédias. E foi exatamente depois de passar por um processo de provar o contrário, por meio de minha própria história, que resolvi falar sobre a favela que não foi mostrada, ou que quase não foi mostrada. Portanto, apertem os cintos e embarquem nessa viagem.

Senhores passageiros, lhes apresento Os Outros 99%.

A favela que venceu.

**PORQUE A
FAVELA NÃO
APENAS VENCEU,
COMO ESTÁ
CRESCENDO E
VIRANDO UM
GRITO.**

A FÉ NÃO COSTUMA FAIÁ

Favela e fé são quase sinônimos. Porque eu não lembro de nenhum lugar no mundo onde o povo brasileiro mais cultivava a sua fé. A fé raiz, a fé que acredita, a fé que move montanhas, que dá força, que vê milagre acontecendo e mostra que tudo é possível naquele lugar. E a favela pode estar no morro ou perto da sua casa. Não importa, a energia dela é diferente de qualquer outro lugar.

Não dá pra falar da favela sem logo de cara abordar a fé dessa gente. Pense em um lugar onde o povo tem fé! E quando eu falo de fé não estou falando de religião, até porque religião é algo íntimo de cada um, por isso deve-se respeitar a fé do outro sem julgamentos.

Na favela, fé pode ser acreditar, ter esperança ou simplesmente rezar pra nada acontecer. Na favela, o nome de Deus é falado das mais diferentes formas. Ali, em uma única rua, beco ou viela, é possível ter, por exemplo, uma igreja evangélica que fica bem ao lado de um centro espírita, e esses dois podem estar bem na frente de uma igreja católica ou um templo de testemunhas de Jeová.

Isso faz com que o pastor tenha que aprender a conviver com a mãe de santo, e esse exercício de respeito também é praticado pelo padre que convive com o protestante. E por aí vai.

Aqui aprendemos que a parte mais bela da fé não é a religião que comungamos, mas sim o respeito que temos pela fé alheia.

A regra é bem simples: eu respeito o seu axé e você respeita o meu amém. Simples assim. Só que mesmo quem não quer frequentar lugar nenhum ou seguir um dogma qualquer, tem sua fé na vida, acima de qualquer coisa.

Aqui aprendemos a ver Deus em tudo e em todo lugar. Aprendemos que Deus pode estar no empresário lá do asfalto que pratica o bem no seu dia a dia, e que nada impede que esse mesmo Deus esteja em um simples catador de papelão que sorri para a criança que está indo pra escola, ou até mesmo em um morador de rua que dorme embaixo de uma marquise ao lado de um cachorro magro vira-lata, que mesmo vendo a dor daquele pobre homem, não o abandona, demonstrando ali uma atitude semelhante à que os discípulos tinham por Jesus.

É no morro onde se aprende que a fé é tão pessoal que algumas pessoas têm a sua sem estar dentro dessa ou daquela religião, desse ou daquele templo. Da fé feita de verdade, por gente de verdade. Gente que sonha, que samba, que ri, que brinca, que chora. Tudo na mesma intensidade e frequência. Que sabe que a vida não espera e que o tempo de uma oração é o tempo certo de abaixar a cabeça e fechar os olhos pra sentir o coração bater e fazer força pra não pensar em nada de ruim que pode cair sobre a própria cabeça.

Muitos ali manifestam sua fé de forma bem discreta, fazendo seus ritos recolhidos em seu mais íntimo canto, sozinhos, somente com Deus.

Só que em alguns momentos, quando o medo bate forte e o primeiro tiro de fuzil é ouvido, ninguém mais tem religião. A favela inteira apenas pede com muita fé que aquilo passe logo. Pede com fé que não haja derramamento de sangue. O morro se

transforma em um templo gigante e todos clamam juntos. É aquela fé em que um pede pelo filho do outro, que pensa onde está a vizinha, que imagina se o pai de família chegou em casa e se o sobrinho já saiu da escola. É a fé que enxerga de olho fechado e acompanha o passo de cada um, como se cobrisse com um manto quem está desprotegido.

Ao final daquele confronto, portas e janelas vão se abrindo uma a uma, e fica o tempo em suspense. Ninguém sabe o que rolou ali fora, só torce pra estar tudo bem. Até que, de repente, alguém grita bem alto num pedido de socorro:

– Gente! Pelo amor de Deus alguém socorre aquele jovem que foi atingido!

E, ao ouvir aquilo, mais uma vez a fé se mostra em cada mãe que sai correndo agoniada em direção ao corpo no chão, dezenas delas pedindo a Deus que não seja o seu filho. E quando chegam perto quase todas se acalmam e agradecem dizendo:

– Obrigado, Senhor! Não é meu filho.

Mas eu disse quase todas, pois uma delas cai sobre o corpo e olha para o céu se perguntando àquele mesmo Deus o porquê daquela tragédia se abater sobre sua cabeça. Por que ela teve que viver aquela cena tão traumática de ver sua cria ali, morta, estendida em um beco. Não é uma vida justa, ela sabe, mas rezava todo dia pra não ter tanto medo de tiro, pra não ter tanto medo de confronto e, principalmente, pro filho chegar em casa a salvo toda vez que saía porta afora.

Se ele foi atingido, não é porque a fé falhou. Foi o sistema que falhou. Mesmo assim, ela sente o coração rasgar, que nem Maria quando estava aos pés da cruz, vendo Jesus ser injustamente crucificado.

Ali choram Marias e Clarices. Choram todas aquelas que se compadecem com a dor do outro. Elas choram pra pedir conforto.

Choram porque sabem que aquele menino não estava perdido. Porque sabem que aquela mãe vai ficar marcada pela dor, e porque ninguém nunca mais vai esquecer daquela oração feita antes de dormir, que pedia para que Deus protegesse aquele morro.

É com essa mesma fé que a mãe de um detento levanta de madrugada, pega um ônibus lotado onde quase não consegue respirar, vai para a fila de um presídio qualquer, e passa por toda a humilhação de ter que se despir na frente de uma policial e se agachar nua. Mas ela segue em frente, segue com fé e, ao entrar no pátio, se emociona ao ver seu filho ali encarcerado. Ela não condena, não julga. É amor de mãe que só perdoa e sente falta da cria.

Na bolsa, ela leva uma Bíblia sagrada que deixa na penitenciária, e antes de ir embora, vê o filho abrindo a palavra de Deus e lendo um versículo. Diante disso ela chora mais uma vez, pois por um milésimo de segundo vê luz naquele condenado, e isso alivia por um instante seu coração.

É essa força chamada fé que leva uma outra mãe a ir para um hospital público e ficar ali durante horas, talvez dias, e voltar quantas vezes for necessário, para tentar uma consulta para o filho que nasceu com uma doença difícil de ser curada. Mas esse “difícil” não consegue se sobrepor à fé daquela mãe, e enquanto houver 1% de chance, ela irá tentar, irá seguir, irá lutar. Eu preciso dizer que, apesar de tudo, apesar dos pesares, apesar de tanta dor, de tanta dificuldade, de tanta luta e de tanto sofrimento, muitas vezes ela consegue. Consegue porque essa fé